

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO  
DEPARTAMENTO DE LETRAS**

**MARCO ANTONIO FRANCELINO DE OLIVEIRA**

**A LINHAGEM DE NEMO:  
RELAÇÕES INTERTEXTUAIS ENTRE JULES VERNE E *A LIGA  
EXTRAORDINÁRIA***

**Florianópolis**

**2022**

**MARCO ANTONIO FRANCELINO DE OLIVEIRA**

**A LINHAGEM DE NEMO:  
RELAÇÕES INTERTEXTUAIS ENTRE JULES VERNE E *A LIGA  
EXTRAORDINÁRIA***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao  
Curso de Letras – Francês da Universidade  
Federal de Santa Catarina como requisito parcial  
para a obtenção do título de Bacharel em Letras –  
Francês. Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Luciana Rassier

Florianópolis

2022

MARCO ANTONIO FRANCELINO DE OLIVEIRA

**A LINHAGEM DE NEMO:  
RELAÇÕES INTERTEXTUAIS ENTRE JULES VERNE E *A LIGA*  
*EXTRAORDINÁRIA***

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de “Bacharel em Letras” e aprovado em sua forma final pelo Curso de Letras – Francês.

Florianópolis, 15 de dezembro de 2022.

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Sabrina Moura Aragão  
Coordenadora do Curso

**Banca Examinadora:**

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Luciana Rassier  
Orientadora e Presidente da Banca  
Universidade Federal de Santa Catarina

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Kelley Baptista Duarte  
Universidade Federal do Rio Grande

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Luiza Salgado Mazzola  
Escola Básica Municipal José Jacinto Cardoso

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Oliveira, Marco Antonio Francelino de  
A linhagem de Nemo : relações intertextuais entre Jules  
Verne e A Liga Extraordinária / Marco Antonio Francelino  
de Oliveira ; orientadora, Luciana Rassier, 2022.  
54 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -  
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de  
Comunicação e Expressão, Graduação em Letras Francês,  
Florianópolis, 2022.

Inclui referências.

1. Letras Francês. 2. Literatura francesa. 3. HQ. 4.  
Intertextualidade. 5. Jules Verne. I. Rassier, Luciana.  
II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em  
Letras Francês. III. Título.

Aos amores da minha vida: dona Marlene (minha  
mamãezinha), Jeison, Marie.

## AGRADECIMENTOS

À minha orientadora Luciana, com quem cursei tantas disciplinas na graduação, agradeço pela infindável sensibilidade e capacidade de ouvir, pelas agradáveis aulas com *close reading*, pelo comprometimento com o ensino de literatura, e pela orientação precisa e de cronogramas bem definidos, indispensável para o bom andamento da pesquisa num ano cansativo e interminável como este.

Ao João Vitor Domingues, parceiro de incontáveis trabalhos em equipe, uma das pessoas mais carismáticas e com a maior capacidade de improviso que já conheci. Mesmo quando alguma coisa ficava pra cima da hora, nunca me preocupei, porque o João sempre “entrega”.

Aos Ultra, que estiveram entre os primeiros amigos a saber que eu ia fazer mais uma graduação e não me chamaram de louco, e que esperam até hoje serem minhas cobaias como alunos de francês. Eles esquecem que optei pelo bacharelado.

*O capitão Nemo ainda vive? Continua a tramar sob o oceano suas terríveis represálias ou teve a carreira encerrada por aquela última hecatombe? As ondas entregarão um dia o manuscrito que esconde a história de sua vida? Saberei finalmente o nome daquele homem?*

*(Jules Verne)*

## RESUMO

Em “O que mantém viva a humanidade?”, capítulo de abertura de *A Liga Extraordinária v. 3: Século* (2020), história em quadrinhos (HQ) dos britânicos Alan Moore e Kevin O’Neill, os artistas dão continuidade às aventuras de uma equipe de heróis composta de personagens literários do final do século XIX e início do século XX, ao tempo em que apresentam uma personagem inédita, Janni Dakkar, filha do capitão Nemo, o clássico personagem criado pelo francês Jules Verne. O presente estudo, tomando por base teórica as conceituações de dialogismo e intertextualidade, respectivamente de Mikhail Bakhtin (1997) e Julia Kristeva (1974), analisa como os textos ecoam uns nos outros, dos romances oitocentistas à HQ, sendo as relações intertextuais uma ideia subjacente à construção do enredo, buscadas intencionalmente pelos autores. Ambos os personagens, Nemo e Janni, são analisados em suas convergências e divergências em relação à obra verniana, com especial ênfase em suas trajetórias pessoais, permeadas por traumas de naturezas diversas, mas que levam ambos a tomar rumos parecidos em suas vidas. Busca-se demonstrar o nível refinado de intertextualidade pretendido pelos quadrinistas que, sob a intenção declarada de sempre conversar com outros textos, o fazem para além da obviedade da mera citação textual, incorporando em sua obra ecos muito mais sutis das obras em que se baseiam.

Palavras-chave: Literatura francesa, HQ, intertextualidade, Capitão Nemo, Júlio Verne, Alan Moore, Kevin O’Neill.

## RÉSUMÉ

Dans « O que mantém viva a humanidade? », chapitre d'ouverture de *A Liga Extraordinária* v. 3: *Século* (2020), bande dessinée (BD) des britanniques Alan Moore et Kevin O'Neill, les artistes donnent suite aux aventures d'une équipe de héros composée de personnages littéraires de la fin du XIXe siècle et du début du XXe siècle. En même temps, ils présentent un personnage inédit, Janni Dakkar, fille du capitaine Nemo, célèbre personnage créé par le Français Jules Verne. Le présent étude, en prenant pour base théorique les conceptualisations de dialogisme et intertextualité, respectivement de Mikhail Bakhtin (1997) et Julia Kristeva (1974), se propose d'analyser comment les textes résonnent les uns dans les autres. Les deux personnages, Nemo et Janni, sont analysés par rapport à l'œuvre vernienne, notamment en ce qui concerne leurs itinéraires personnels, imprégnés par des traumas divers, mais qui les mènent vers des directions similaires dans leurs vies. Le but de ce travail est celui de démontrer le niveau raffiné d'intertextualité mis en place par des auteurs de la BD qui tissent ces rapports non seulement par des citations textuelles, puisqu'ils incorporent dans leur œuvre des échos beaucoup plus subtils des œuvres de Verne.

Mots-clés: Littérature française, BD, intertextualité, Capitaine Nemo, Jules Verne, Alan Moore, Kevin O'Neill.

## LISTA DE FIGURAS

- Figura 1 – Nemo indiano e em plena forma
- Figura 2 – Nemo em sua cama
- Figura 3 – Discussão de Nemo e Janni
- Figura 4 – Primeira aparição de Janni Dakkar
- Figura 5 – Janni deixa a ilha
- Figura 6 – Janni é observada pelos clientes
- Figura 7 – Janni é assediada pelos clientes
- Figura 8 – Clientes atacam Janni
- Figura 9 – Janni após o estupro
- Figura 10 – Janni sorri
- Figura 11 – A vingança de Janni
- Figura 12 – Janni em sua nova vestimenta
- Figura 13 – Janni dá ordem de partir

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>2 “<i>MOBILIS IN MOBILE</i>” .....</b>	<b>16</b>
2.1 Algumas considerações sobre intertextualidade.....	16
2.2 Jules Verne e suas “Viagens Extraordinárias” .....	17
2.3 Alan Moore, Kevin O’Neill e sua Liga Extraordinária .....	19
<b>3 “QUE TIPO DE NOME É ‘NINGUÉM’?” .....</b>	<b>22</b>
3.1 Príncipe Dakkar: herói, rebelde, pirata.....	22
3.2 Nemo entre 1898 e 1910: representações do personagem em <i>A Liga Extraordinária</i> .....	25
<b>4 “EU CONSTRUÍ UMA NOVA VIDA” .....</b>	<b>31</b>
4.1 Janni Dakkar: ecos de Verne, Moore e O’Neill.....	31
4.2 Uma nova personagem .....	32
4.3 Um novo Nemo .....	37
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>47</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>51</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Tenho sido um leitor desde tenra idade: iniciando com HQs infanto-juvenis, passei por romances de aventura, escolhendo obras às vezes pelo título ou pela capa em bibliotecas públicas, tomando gosto paulatinamente por autores consagrados e canônicos. Um leque tão diverso de opções e interesses só fez abrir-se cada vez mais, e as possibilidades de misturas de gêneros ou a circulação de personagens entre obras diversas nunca deixaram de exercer seu fascínio.

Por volta de 2011, conheci o volume 1 da HQ *A Liga Extraordinária* (2010), de dois artistas britânicos, o roteirista Alan Moore (1953-) e o desenhista Kevin O'Neill (1953-2022). Moore é amplamente reconhecido como um dos maiores roteiristas dos quadrinhos. Suas obras têm sido recorrentemente objeto de estudo acadêmico, vide a tese *Quadrinhos iluminados: William Blake nas obras de Alan Moore* (SILVA, 2020) e as dissertações *Watchmen: vazios, tragédia e poesia visual moderna, Representações da guerra fria nas histórias em quadrinhos Batman – O Cavaleiro das Trevas e Watchmen (1979-1987)* e *Quis evaluates ipsos Watchmen?: Watchmen and narrative theory* (DUARTE, 2009; KRAKHECKE, 2009; VIDAL, 2014), para citar apenas a produção de pesquisadores brasileiros. É nítido o predomínio dos estudos sobre *Watchmen* (1986-1987), de longe a sua obra-prima, o que se reflete também em grande quantidade de artigos científicos.

O'Neill, ainda que bastante respeitado no meio quadrinístico, a exemplo dos demais desenhistas que trabalharam com Moore, tem ficado à sombra deste e despertado menos atenção no meio acadêmico. Entretanto, ainda é possível encontrar alguns artigos e ao menos uma tese, *Estados Distópicos da América: o futuro dos EUA nas histórias em quadrinhos (1983-1999)* (PEDROSO, 2020) que foca, ainda que não exclusivamente, sobre seu trabalho na série *Marshall Law* (1987-1993).

*A Liga Extraordinária* é, senão o mais conhecido, o mais longo e talvez pretensioso projeto de ambos. Publicada entre 1999 e 2019, sua premissa básica é a da existência de um grupo de homens e mulheres dotados de habilidades ou poderes extraordinários, convocados recorrentemente ao longo dos séculos pelo governo britânico para resolver questões de segurança nacional com as quais indivíduos comuns não conseguiriam lidar. O diferencial da obra é que, na sua quase totalidade, os personagens – sejam eles protagonistas, antagonistas ou coadjuvantes –, os locais, objetos e outros elementos textuais ou visuais são extraídos de

obras ficcionais, em sua maioria literárias, mas ocasionalmente do folclore, música, cinema; virtualmente, de qualquer fonte.

Para o leitor que sempre fui, ávido por todo tipo de histórias, descobrir essa HQ serviu ao mesmo tempo de entretenimento e de reforço pela busca dos clássicos ainda não lidos. Lembrando uma das formulações de Italo Calvino, clássicos são “aqueles livros que constituem uma riqueza para quem os tenha lido e amado; mas constituem uma riqueza não menor para quem se reserva a sorte de lê-los pela primeira vez” (CALVINO, 1993, p. 10).

Não demorou para que uma ideia se insinuasse e me levasse, em 2011, a uma pesquisa acadêmica sobre a obra. À época, como ainda hoje, eram esparsos os estudos sobre a HQ, com destaque para os artigos “Espaços extraordinários: ensaio sobre a representação do espaço geográfico na HQ ‘A Liga Extraordinária’ de Alan Moore & Kevin O’Neill” e “*Betrayed by time: steampunk & the neo-Victorian in Alan Moore’s Lost Girls and The League of Extraordinary Gentlemen*” (FERNANDES, 2010; JONES, 2010), com extensão e objeto mais delimitados.

Com a intenção de realizar um trabalho de maior fôlego, cursei o mestrado em Literatura no Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina, onde elaborei a dissertação *Depois da última página: intertextualidade entre HQs e literatura na graphic novel A Liga Extraordinária* (OLIVEIRA, 2013). Partindo da premissa de que se tratava de uma obra onde a intertextualidade não era apenas um resultado espontâneo da pesquisa e erudição de seus criadores, mas de uma intenção consciente e fundante da narrativa, voltei-me à trama e protagonistas do primeiro volume, e à construção do espaço de diálogo entre personagens de procedências distintas. Entre aqueles personagens estava o Capitão Nemo, da obra de Jules Verne.

Agora cursando Letras – Francês, voltei a travar contato com aquele autor na disciplina de Literatura Francesa III, onde apresentei trabalho sobre uma de suas obras. Nemo então ressurgiu das profundezas onde estava submerso, mas jamais morto, e clamou por um retorno aos estudos daquela obra, agora com um olhar distinto e voltado para um outro volume – pois a narrativa de *A Liga Extraordinária* não cessou de se expandir ao longo dos anos. Em *A Liga Extraordinária v. 3: Século* (2020), a dupla de quadrinistas britânicos retorna apenas brevemente ao clássico personagem verniano, no intuito de fazer uma passagem de bastão para uma figura inédita que, ao mesmo tempo, o retoma e atualiza: Janni Dakkar.

No presente estudo, proponho-me inicialmente a identificar a representação do personagem Capitão Nemo nas duas obras vernianas em que aparece, *Vinte mil léguas submarinas* (*Vingt mille lieues sous les mers*, 1869-1870) e *A ilha misteriosa* (*L'île mystérieuse*, 1874-1875) e sua ressignificação no capítulo 1 da HQ *A Liga Extraordinária v. 3: Século*, por ser o ponto em que ele deixa a cena para dar espaço à criação original de Moore e O'Neill.

Investigando, na narrativa, a trajetória de Janni Dakkar, parto da premissa de que a nova personagem mantém relações intertextuais de vários níveis, com as representações de Nemo antes analisadas, em Verne e na HQ e, num movimento ora de convergência ora de divergência com seu antecessor, é construída como uma personagem original, de traços próprios e não uma mera repetição de seu pai. Isso é corroborado pelo peso que a personagem tem no capítulo analisado, da mesma grandeza que os eventos que envolvem a Liga Extraordinária do título.

No primeiro capítulo, “*Mobilis in mobile*”, teço algumas considerações sobre dialogismo e intertextualidade. Parto das teorias de Mikhail Bakhtin (1997) sobre o permanente diálogo entre os enunciados, cuja materialidade pode ser um texto verbal ou uma HQ, passando ao conceito de intertextualidade, cunhado por Julia Kristeva (1974), segundo o qual todo texto traz em si algo de outro que o precedeu. Tais formulações se coadunam com a imagem do palimpsesto, utilizada por Gérard Genette (2010) acerca do texto literário, importando na permanência das marcas de um texto sob outro. Definida essa mobilidade e fluidez dos textos, discorro sobre os autores postos em diálogo, Verne, Moore e O'Neill, e sobre o conjunto de sua obra, para finalmente apresentar o enredo da HQ objeto de análise.

Em “Que tipo de nome é ‘Ninguém?’”, busco identificar como o Capitão Nemo foi representado nas duas obras de Verne em que aparece, *Vinte mil léguas submarinas* e *A ilha misteriosa*, notadamente enquanto homem vitimado por uma guerra, o qual opta por uma vida reclusa e de autoanulação, inclusive do próprio nome – Nemo não é seu nome verdadeiro, é uma palavra latina que significa “ninguém”. Tal abordagem apoia-se nos estudos de Marcus Baptista (2020) sobre o imperialismo europeu em romances vernianos, e de Márcio Seligmann-Silva (2008) sobre a questão do trauma. Na sequência, procura-se identificar como Nemo foi ou não ressignificado em *A Liga Extraordinária*, seja recapitulando aspectos já analisados em estudo anterior, seja destacando sua nova e derradeira aparição no volume 3.

No último capítulo, “Eu construí uma nova vida”, apresento a trama do volume 3 em linhas gerais, que por sua vez se subdivide em duas tramas paralelas, uma delas em torno de

Janni Dakkar, personagem introduzida na HQ como filha de Nemo. Objetivo identificar as convergências e divergências em relação a Nemo, quer nos romances, quer na HQ, buscando localizar neste novo texto os registros modificados, mas não apagados dos textos anteriores, à maneira dos palimpsestos de Genette. Também essa personagem é marcada por terríveis traumas que condicionam sua transformação na história – assédio sexual recorrente e estupro – e que a levam, por caminhos diferentes, a uma autoanulação que dialoga com a de seu pai. Busco ainda identificar outras referências intertextuais para além de Verne.

Ainda que escrita originariamente em língua inglesa e por autores com maior conhecimento da literatura naquele idioma, *A Liga Extraordinária* sempre dialogou – minoritariamente, é verdade – com obras e autores de outras línguas. Com Verne e Nemo, ela toca autor e personagem canônicos da literatura francesa, que continuam tendo algo adicional a ser dito nos outros textos em que invariavelmente se imiscuem.

## 2 “*MOBILIS IN MOBILE*”

Em *Vinte mil léguas submarinas*, o Capitão Nemo tem por lema a expressão latina “*mobilis in mobile*”, significando móvel em um meio móvel, referência direta a seu submarino Náutilus, que se move entre as águas do oceano. Também os textos possuem uma forma de mobilidade ou fluidez, pois circulam, têm contato com outros textos e se transformam. Essa intertextualidade ocorre entre gêneros textuais diversos, como a literatura e as histórias em quadrinhos (HQs) e entre autores de épocas, culturas e línguas distintas, como Jules Verne e a dupla de quadrinistas Alan Moore e Kevin O’Neill.

### 2.1 Algumas considerações sobre intertextualidade

Mikhail Bakhtin entende que a “utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana” (1997, p. 279). O enunciado é constituído, por sua vez, pelo diálogo entre os sujeitos, “está repleto dos ecos e lembranças de outros enunciados, aos quais está vinculado [...]” (BAKHTIN, 1997, p. 316), donde a importância atribuída por Bakhtin ao dialogismo, ideia fundante de seus estudos sobre a linguagem e a literatura.

José Luiz Fiorin procura precisar a noção de enunciado, diferenciando-o do texto, por serem de ordens distintas:

O enunciado é uma posição assumida por um enunciador, é um sentido. O texto é a manifestação do enunciado, é uma realidade imediata, dotada da materialidade, que advém do fato de ser um conjunto de signos. O enunciado é da ordem do sentido; o texto, do domínio da manifestação. O enunciado não é manifestado apenas verbalmente, o que significa que, para Bakhtin, o texto não é exclusivamente verbal, pois é qualquer conjunto coerente de signos, seja qual for sua forma de expressão (pictórica, gestual, etc.) (2008, p. 52).

Percebe-se assim que os enunciados se manifestam como textos, mas estes podem ser entendidos como sendo de distintas materialidades, para além do meramente verbal. As HQs, arte sequencial que combina, grosso modo, desenhos, colorização e texto – embora estes dois últimos possam estar ausentes – segundo uma gramática e lógica próprias, podem ser plenamente consideradas como um tipo de texto, aplicando-se a elas as considerações teóricas em geral desenvolvidas em torno do texto exclusivamente verbal.

Diana Luz Pessoa de Barros lembra um aspecto conhecido da formulação bakhtiniana de dialogismo, que é o do “diálogo entre os muitos textos da cultura, que se instala no interior de cada texto e o define” (BARROS, 2011, p. 4). Trata-se da intertextualidade, a relação entre dois ou mais textos, isto é, entre distintas materialidades linguísticas, algo que acontece todo o tempo, pois “todo texto é absorção e transformação de um outro texto” ou um “mosaico de citações”, na formulação clássica de Julia Kristeva (1974, p. 72).

No mesmo norte, Gérard Genette, centrando-se nos textos literários propriamente ditos, recorre à imagem do palimpsesto para referir-se a essa relação entre textos:

Um palimpsesto é um pergaminho cuja primeira inscrição foi raspada para se traçar outra, que não a esconde de fato, de modo que se pode lê-la por transparência, o antigo sob o novo. Assim, no sentido figurado, entenderemos por palimpsestos [...] todas as obras derivadas de uma obra anterior, por transformação ou por imitação. [...] Um texto pode sempre ler um outro, e assim por diante, até o fim dos textos (2010, p. 7).

Dessa forma, como se verá adiante, Moore e O’Neill reescrevem o texto de Verne a seu modo, dando outras nuances ao personagem Nemo, para depois reescrevê-lo uma vez mais, introduzindo uma personagem nova que se comportará como um novo Nemo, com convergências e divergências. Verne continua subsistindo numa personagem que ele próprio não criou.

## 2.2 Jules Verne e suas “Viagens Extraordinárias”

Jules Verne (1828-1905) é um dos escritores franceses mais populares de todos os tempos, com obras que cativaram sucessivas gerações e que refletem o interesse do escritor, desde a juventude, por viagens a pontos desconhecidos do planeta, numa época em que as distâncias pareciam menores graças à expansão imperialista, mas ainda com muitos mistérios a serem revelados.

Após o sucesso do romance *Cinco semanas em um balão* (*Cinq semaines en ballon*, 1863), seu editor Pierre-Jules Hetzel “imaginou uma revista para jovens dividida em duas partes, uma de caráter didático, sobre ciências, [...] e outra de divulgação científica, escrita com maior fluência e sabor literário” (LACERDA, 2011, p. 8), que se tornaria a *Magasin d’Éducation et de Récréation*. O editor logo acrescentou uma seção com romances publicados em forma de folhetim, combinando ficção e ciência, a série “Viagens Extraordinárias”

(*Voyages Extraordinaires*) dentro da qual todos os romances subsequentes de Verne foram publicados (LACERDA, 2011, p. 9).

Graças a essa conjugação de fatores, a extrema inventividade, um meio seguro para publicar e um público-alvo bem definido e cativo, Verne tornou-se um escritor de sucesso e extremamente prolífico pelas décadas seguintes, com dezenas de romances, novelas e contos, tais como *Viagem ao centro da Terra* (*Voyage au centre de la Terre*, 1864), *Da Terra à lua* (*De la Terre à la Lune*, 1865) e *A volta ao mundo em oitenta dias* (*Le tour du monde en quatre-vingts jours*, 1872) (CENTRE INTERNATIONAL JULES VERNE, s.d.).

Dentre suas obras mais conhecidas estão dois romances que se completam. *Vinte mil léguas submarinas* foi publicado em forma de folhetim entre março de 1869 e julho de 1870, com os capítulos depois reunidos em dois tomos e, finalmente, em um único volume em 1871. Sua continuação, *A ilha misteriosa*, surgiu em folhetim entre 1874 e 1875, organizada posteriormente em três tomos; em 1875 veio a lume a edição contendo a obra completa.

Já tendo incursionado em sua imaginação pelo ar, pelas entranhas da Terra e pela lua, Verne volta-se em *Vinte mil léguas submarinas* para as profundezas do mar com a história do *Náutilus*, um submarino que afunda navios ao redor do mundo, uma ameaça a todos os países. O personagem-narrador, o professor francês Pierre Arronax, sobrevive a um naufrágio ocasionado pelo navio submersível e acaba sendo por ele resgatado, vindo a ser tratado como hóspede/prisioneiro pelo misterioso Capitão Nemo. A bordo do *Náutilus*, conhece os mistérios do fundo dos oceanos e as motivações de seu capitão. Vários meses depois, quando Arronax deixa o submarino, este encontra uma força intransponível da natureza e afunda, aparentemente levando à morte o capitão e toda a tripulação (VERNE, 2011).

Em *A ilha misteriosa*, alguns fugitivos da guerra civil norte-americana caem de balão em uma ilha desconhecida, onde passam a viver com a ajuda de um benfeitor misterioso, que mais tarde revela-se o mesmo Capitão Nemo, com o *Náutilus* oculto em uma caverna ligada ao mar. O nome verdadeiro de Nemo, sua história e mesmo sua aparência física – bastante vagas no livro anterior – são agora revelados, com uma caracterização complexa sobre a qual se discorrerá mais detalhadamente no capítulo 3. Tendo sobrevivido aos eventos do romance precedente, o capitão isolara-se naquela ilha, onde vivia nos últimos anos, vindo a morrer ao final da narrativa, deixando aos nágrafos instruções para afundarem o *Náutilus* de uma vez por todas (VERNE, 2015).

Nemo é o ponto comum dos dois romances: no primeiro é a força desencadeadora dos acontecimentos; no segundo, ainda que apareça de forma mais acessória, a revelação de outras

facetas do personagem permite compreender melhor o que antes se encontrava velado. Trata-se de um personagem impregnado de experiências traumáticas que o levaram a afastar-se da dita civilização, que renega e odeia e que lhe é totalmente estranha.

### 2.3 Alan Moore, Kevin O’Neill e sua Liga Extraordinária

O britânico Alan Moore, nascido em 1953, é dos mais renomados roteiristas de HQs das últimas décadas, com uma carreira que remonta aos anos 1970 (BERLATSKY, 2012, p. vii). Alternando entre HQs de ficção científica e histórias de super-heróis para editoras diversas, ingressou na DC Comics no início dos anos 1980. Nela, onde obteve sucesso de público e crítica, o que abriu as portas ao mercado norte-americano de HQs para outros artistas britânicos contemporâneos. São de sua lavra, neste período, *V de Vingança* (*V for Vendetta*, 1982-1989) e *Watchmen* (1986-1987), esta última uma virada de chave na percepção dos quadrinhos como uma obra destinada também ao público adulto (BERLATSKY, 2012, p. vii) e incluída em listas das maiores obras literárias do século XX (TIME..., 2022).

Lado a lado com sua veia criativa, Moore sempre se notabilizou por uma postura crítica em relação à indústria de HQs, questionando sobretudo a detenção pelas editoras dos direitos autorais que deveriam caber aos artistas. Nas últimas décadas, passou a dedicar-se majoritariamente a projetos longos, com forte marca autoral, como *Do inferno* (*From Hell*, 1989-1996) e *Lost girls* (1991-2006) (BERLATSKY, 2012, p. ix).

O também britânico Kevin O’Neill (1953-2022), falecido durante a escrita do presente trabalho, trabalhou desde muito jovem em diversas funções na indústria dos quadrinhos, até estreitar como desenhista de tiras de personagens na revista *2000AD*, destacando-se com *Nemesis the Warlock* (1980-1999). Na editora, seu trabalho foi considerado “inovador, iconoclasta, idiossincrático, inventivo e visionário” e com a capacidade de “chocar e deslumbrar, mesmo décadas após sua publicação” (KEVIN..., 2022, tradução minha).

Assumindo posteriormente outras revistas de ficção científica, migrou também para a norte-americana DC Comics pela metade da década de 1980. Com traços por vezes taxados de perturbadores e violentos, seu trabalho frequentemente sofreu críticas. Em *Tales of the Green Lantern Corps Annual #2* (1986), da DC, uma de suas primeiras parcerias com Moore, que

assinou o roteiro, o Comics Code Authority (CCA)<sup>1</sup> considerou todo o estilo de O’Neill reprovável (FREEMAN, 2022).

Essas várias facetas do percurso profissional de O’Neill – o traço marcadamente violento, a experiência com ficção científica e o fato de já ter trabalhado com Moore – concorreram para sua escolha como desenhista de *A Liga Extraordinária*, trabalho que ele e o roteirista/idealizador conduziram integralmente juntos na confusa trajetória editorial da HQ.

Na segunda metade dos anos 1990, a editora norte-americana Wildstorm criou o selo America’s Best Comics com a finalidade específica de publicar as HQs de Alan Moore. Entretanto, nesse ínterim a editora foi vendida justamente para a DC, com quem Moore ainda mantinha uma difícil relação, o que se refletiria na publicação de suas obras pela editora ao longo dos anos seguintes. Entre 1999 e 2007, a DC/America’s Best Comics publicou sob diversos formatos – brochura, capa dura e edições especiais com materiais adicionais – os volumes 1 e 2 de *The League of Extraordinary Gentlemen* (1999-2003), e o volume sem numeração *The League of Extraordinary Gentlemen: Black Dossier* (2007). Após esse lançamento, Moore rompeu definitivamente seu vínculo com a DC (BORGIO, 2005).

A partir de 2009, Moore e O’Neill iniciaram uma parceria com duas editoras, a norte-americana Top Shelf Publications e a britânica Knockabout Comics. Entre 2009 e 2019, elas publicaram conjuntamente o volume 3, subtulado *Century* (2009-2012), a minissérie derivada *The League of Extraordinary Gentlemen: Nemo Trilogy* (2013-2015), e o derradeiro volume 4, *Tempest* (2018-2019), anunciado publicamente não apenas como a parte final do longo projeto de *A Liga Extraordinária*, como também o último trabalho de Moore em HQs (AVILA, 2019).

Toda a obra foi traduzida e publicada no Brasil por diversas editoras ao longo dos anos, também em diferentes formatos: o volume 1 foi publicado pela editora Pandora Books em 2001; o mesmo volume 1 e o volume 2, pela Devir em 2003; e novamente o volume 1, acrescido de materiais extras, pela Panini em 2010. Posteriormente, a editora Devir voltou a assumir a publicação, tendo editado a série completa – ainda que fora de ordem – entre 2015 e 2020 (DE ALAN..., 2022).

A ideia subjacente a toda a trama de *A Liga Extraordinária* é que, em diversas ocasiões ao longo dos últimos séculos, o serviço secreto britânico reuniu, em momentos

---

<sup>1</sup> Tratava-se de um selo estampado nas capas das HQs pela *Comics Magazine Association of America*, pelo qual procurava-se “atestar a concordância com as normas exigidas para sua publicação” (LIMA; FLORES; AZEVEDO, 2015, p. 33). Era uma forma de censura instituída em meados dos anos 1950 após críticas sobre uma suposta influência negativa dos quadrinhos na formação moral de crianças e adolescentes, que teve por consequência a queda de qualidade dos roteiros e desenhos.

sensíveis da História, equipes de indivíduos com capacidades extraordinárias, para a execução de missões específicas. Nada muito diferente de uma história de espionagem ou de super-heróis, não fosse o fato de que a quase totalidade dos personagens – protagonistas ou não –, locais e outros elementos utilizados pelos artistas são retirados de obras literárias de domínio público. Trata-se de uma obra onde a intertextualidade não é apenas um resultado espontâneo da pesquisa e erudição de seus criadores, mas de uma intenção consciente e fundante da narrativa.

O presente estudo tem por foco a personagem Janni Dakkar, filha do Capitão Nemo, uma personagem original e, ao mesmo tempo, intimamente ligada aos romances vernianos, posto que atualiza Nemo com uma caracterização e motivações que mantêm pontos de convergências e divergências em relação aos textos originais. Inicialmente questionadora das atitudes do pai e rompida com ele, a jovem desenvolve seus próprios e sérios traumas – de natureza diversa dos de Nemo – que a levam a voltar-se para suas origens e buscar a mesma vida criminosa e isolada da sociedade.

Dada a extensão de *A Liga Extraordinária*, o estudo se restringirá ao capítulo 1 do terceiro volume, “O que mantém viva a humanidade?” (MOORE; O’NEILL, 2020, p. 27-98), onde a personagem aparece pela primeira vez e tem seus traços físicos e de personalidade melhor caracterizados. Será utilizada a edição da Devir em língua portuguesa.

### 3 “QUE TIPO DE NOME É ‘NINGUÉM’?”

Em *Vinte mil léguas submarinas*, o comandante do Náutilus afirma não ter nome e desejar ser tratado simplesmente por Nemo. Esta escolha sumariza sua opção pelo isolamento de todo o convívio humano e anulação da própria identidade, afinal *nemo* é uma palavra latina que significa “ninguém”. Em dado momento, o personagem cede ao impulso de contar sua história, mas seu nome real perde relevância diante da imagem que criou para si mesmo, uma combinação de justiceiro e pirata. É este “nome” e correspondente legado que se perpetua, com convergências e divergências, no texto da HQ *A Liga Extraordinária*, mas que não se esgota no personagem, pois o pai dá lugar à filha. O Nemo de Verne, transmutado no Nemo de Moore, pode ser explorado ainda mais um pouco, encontrando eco em outra personagem que carrega o nome “ninguém”.

#### 3.1 Príncipe Dakkar: herói, rebelde, pirata

Verne caracterizou o Capitão Nemo de forma semelhante nas duas obras em que o personagem figura, mantendo uma constância nos traços de sua personalidade orgulhosa e franca, mas, em outros aspectos, a caracterização é bastante distinta. *Vinte mil léguas submarinas*, onde Nemo é o antagonista, mantém do início ao fim a aura de mistério em torno do personagem, cuja suposta morte ao final da narrativa deixa Arronax, o narrador-testemunha, com mais questionamentos que respostas. Em *A ilha misteriosa*, uma obra bastante extensa dividida em três partes, os protagonistas se veem perdidos em uma ilha e, em diversas situações, são ajudados por uma figura desconhecida. Apenas nos capítulos finais da terceira parte eles encontram tal figura: um Capitão Nemo sobrevivente dos eventos do romance precedente.

No primeiro romance, a descrição física é em geral fugidia: “alto, testa larga, nariz aquilino, a boca desenhada com nitidez, dentes magníficos, mãos finas e esguias”, a cabeça destacando-se “nobrememente sobre o arco formado pela linha dos ombros”; a respiração denotando “grande expansão vital”; um olhar agudo que “penetrava a alma” (VERNE, 2011, p. 76-77). Apenas em um momento há um indicativo de que se trata de um homem branco, quando Arronax afirma que sua pele é “mais pálida que rosada” (VERNE, 2011, p. 76-77). A idade de Nemo é igualmente indiscernível, algo entre os 35 e os 50 anos. Sua nacionalidade, da mesma forma, é indetectável.

Na continuação, suas características físicas são revisitadas, agora com o acréscimo da informação de que está velho e moribundo:

A essas palavras, o homem deitado levantou-se e seu rosto surgiu na luz: **cabeça magnífica, fronte alta, olhar altivo, barba branca, cabelo basto penteado para trás.**

O homem apoiou-se com a mão no espaldar do divã que acabava de deixar. Seu olhar parecia sereno. Via-se que **uma doença lenta minava-o gradativamente**, mas sua voz pareceu ainda forte quando ele disse em inglês, e num tom que denotava extrema surpresa:

– Eu não tenho nome, cavalheiro (VERNE, 2015, p. 497, grifo meu).

As razões que o levaram a viver à margem da sociedade dita civilizada são reveladas com muito comedimento em *Vinte mil léguas submarinas*, sem maior desenvolvimento de sua história pessoal. Próximo do final da narrativa, o Náutilus deparara-se com um navio e o afunda, numa cena que estarrece Arronax pela violência nas palavras e atos de Nemo:

O capitão Nemo, **terrível de se ouvir, era ainda mais terrível de se ver**. A face empalidecera sob os espasmos do coração, que devia ter parado de bater por um instante. As pupilas contraíram-se assustadoramente. A voz não falava mais rugia. Curvando todo o corpo, torcia com as mãos os ombros do canadense. [...]

– Ah, então você sabe quem eu sou, barco de nação maldita! Pois não precisei de suas cores para reconhecê-lo! Olhe! Vou mostrar-lhe as minhas!

E o capitão desfraldou na proa da plataforma um pavilhão negro, semelhante ao que já fincara no polo sul (VERNE, 2011, p. 426-428, grifo meu).

Nemo desfralda uma bandeira negra, símbolo associado à pirataria, pois é exatamente como pirata que ele se comporta, atacando navios e amealhando tesouros das profundezas do mar. Mas o personagem tenta se justificar, deixando transparecer um vislumbre de suas motivações: “Tenho direito, sou a justiça! Sou o oprimido, ali está o opressor! Foi por causa dele que vi perecer tudo que amei, prezei e venerei, pátria, mulher, filhos, pai, mãe! Tudo que odeio está ali!” (VERNE, 2011, p. 428).

A narrativa permite inferir que se trata de um navio britânico, mas isso fica apenas implícito. Apenas em *A ilha misteriosa* Verne desvenda sua história pessoal, contada aos naufragos pelo próprio Nemo, ciente de que tal revelação, antes tão ciosamente guardada, não fará diferença na vida de um homem prestes a morrer. A narração é indireta, uma espécie de resumo feito pelo narrador impessoal do romance do que Nemo teria revelado aos naufragos, e estende-se por cinco páginas do capítulo 16 de *A ilha misteriosa* (VERNE, 2015, p. 499-503).

Em suma, ele era o Príncipe Dakkar, um nobre indiano educado na Europa com a intenção oculta de, um dia, combater a opressão britânica na Índia, donde sua vasta cultura, recursos financeiros e meios tecnológicos como o submarino que construía (VERNE, 2015, p. 499). A leve referência a uma pele pálida da obra anterior é então esquecida. Sem necessidade de descrever mais pormenorizadamente seu tipo físico, o narratário torna-se perfeitamente capaz de imaginá-lo como um homem indiano, com traços faciais e uma tonalidade de pele distintas das de um caucasiano.

Dakkar constituía família em seu país natal, apenas para perder a todos – como já afirmara no livro anterior – para a violência britânica, após o que dedicou a vida a combater o império. Após sucessivas derrotas em que só viu o poderio britânico se afirmar ainda mais, isolara-se totalmente do convívio social em seu submarino (VERNE, 2015, p. 500-501). Ocasionalmente, demonstrara sua fúria contra navios britânicos, como no episódio narrado em *Vinte mil léguas submarinas*, que ele então recorda e tenta justificar:

– Agora, cavalheiro, agora que conhece minha vida, julgue-a!  
Falando assim, o capitão aludia evidentemente a um grave incidente, de que os três estrangeiros lançados a bordo de seu submarino haviam sido testemunhas, [...]  
– Era uma fragata inglesa, cavalheiro – exclamou o capitão Nemo, voltando a ser por um instante o príncipe Dakkar –, uma fragata inglesa, bem entendido? E me atacava! Eu estava acuado numa baía estreita e pouco profunda...! Precisava passar e... passei!  
Então, com uma voz mais calma, acrescentou:  
A justiça e a lei estavam do meu lado. Em todas as partes do globo disseminei o bem na medida em que pude e o mal na medida em que o devia fazer. A justiça nem sempre está no perdão! (VERNE, 2015, p. 504).

Nemo, portanto, narra sua história, que é perpassada por um trauma, “um tipo de lesão psicológica ocasionado por um evento drástico” (RODRIGUES, SARMENTO-PANTOJA, 2010). Em seu caso, é um trauma de dupla natureza: pessoal, porque perdera toda sua família, mas também coletivo, pois seu povo foi oprimido e em grande parte exterminado. Em situações deste tipo, “como nos genocídios ou nas perseguições violentas em massa de determinadas parcelas da população, a memória do trauma é sempre uma busca de *compromisso* entre o trabalho de memória individual e outro construído pela sociedade” (SELIGMANN-SILVA, 2008, p. 65, grifo do autor). Nemo sentiu toda a potência destes eventos que lhe escaparam – lutou contra eles o quanto pôde – e, ao fim, reagiu de forma particular, tornando-se misantropo e belicoso.

Marcus Baptista, analisando as questões de alteridade presentes na obra verniana, notadamente o olhar europeu sobre os outros povos, aponta que Nemo é “um reflexo do imperialismo europeu”, porque vítima dele, como as falas acima revelam. Todavia, ao mesmo tempo, é “aquele que dá seguimento ao projeto de modernidade que levou à legitimação destes impérios ocidentais” (BAPTISTA, 2020, p. 229), uma vez que sua formação intelectual e possivelmente parte do conhecimento científico para construir seu *Náutilus* provêm dessas nações opressoras.

Percebe-se, assim, coerência e constância na construção da personalidade de Nemo entre os dois romances, com as alterações mais significativas concentradas em sua origem e aspecto físico, assim como na sua importância para a trama e o clima da narrativa. De antagonista impulsionador dos acontecimentos em *Vinte mil léguas submarinas*, homem tão misterioso quanto perigoso, com traços de vilão e notas de herói, Nemo passa, em *A ilha misteriosa*, a um coadjuvante – oculto por quase toda a trama – que auxilia os protagonistas, mas agora com toda sua trajetória desvelada. Verne traz de volta o personagem e fecha sua narrativa, explicando as pontas soltas e dando-lhe uma segunda e definitiva morte. Mas os textos ecoam em outros textos, e Nemo parece sempre trapacear a morte, como a obra de Moore e O’Neill exemplificam.

### 3.2 Nemo entre 1898 e 1910: representações do personagem em *A Liga Extraordinária*

Nemo é um dos protagonistas dos dois primeiros volumes de *A Liga Extraordinária*. Em 1898, o serviço secreto recruta indivíduos dotados de qualidades excepcionais para missões relacionadas à segurança do império britânico. Dentre esses personagens, todos extraídos de obras literárias do século XIX e início do século XX, tem posição de destaque o Capitão Nemo. Sua contribuição para a equipe vem de seus conhecimentos científicos, sobretudo de seu novo *Náutilus*, e da vastidão de recursos tecnológicos e armas mortais que possui. Tal arsenal científico e paramilitar, além do pensamento estratégico e frio de Nemo, é em vários momentos decisivo para o avanço da trama.

Em estudo anterior, já analisei a trama do volume 1 e as relações intertextuais entre a HQ e suas fontes romanescas, com especial atenção aos protagonistas (OLIVEIRA, 2013, *passim*), o Capitão Nemo aí incluído. Para o presente estudo, é válido retomar algumas das caracterizações do personagem verniano naquele primeiro tomo da obra, na medida em que

reverberam até sua derradeira aparição no capítulo 1 do volume 3, “O que mantém viva a humanidade?”<sup>2</sup> em que é introduzida sua filha, Janni Dakkar.

O texto de Moore remete diretamente à história de Nemo conhecida em *A ilha misteriosa*, estabelecendo o personagem como indiano. Os desenhos de O’Neill o retratam, no volume 1, como um homem de pele escura, tendo sobre a cabeça um turbante à moda indiana e vestindo uma espécie de uniforme. A manga da vestimenta acrescenta muitas informações sobre seu portador: é ornada por um desenho dourado, à semelhança de tentáculos de um polvo, e pela insígnia N, a inicial de seu “não nome”, Nemo:



Figura 1 – Nemo indiano e em plena forma (MOORE; O’NEILL, 2010, p. 23, quadro 1)

Da mesma forma, a decoração do *Náutilus* remete ao hinduísmo, o que se pode observar pelo leme do submarino, talhado elegantemente com uma imagem do deus Shiva, de múltiplos braços.

<sup>2</sup> Este título não é gratuito e será melhor analisado no capítulo 4.

O aspecto geral do personagem guarda conformidade com ambos os romances: estão ali o mesmo homem alto, postura nobre, olhar altivo. O único ponto destoante é a idade do personagem, muito mais conforme ao Nemo de *Vinte mil léguas submarinas*. Aliás, sua morte em *A ilha misteriosa* é ignorada ou considerada um evento forjado.

Apenas na narrativa de “O que mantém viva a humanidade?”, cuja trama se passa em 1910, é que se verá, finalmente, o Nemo idoso, cabelos brancos e às portas da morte, ecoando, em outra época e sob outras circunstâncias, o Nemo de *A ilha misteriosa*:



Figura 2 – Nemo em sua cama  
(MOORE; O'NEILL, 2020, p. 30, quadro 1)

Nemo repousa em uma cama de cabeceira larga, as costas apoiadas a um grande travesseiro. Tem a barba e os cabelos longos e totalmente brancos, o rosto bastante enrugado e os olhos semicerrados, indicando cansaço. Em primeiro plano, à direita, um personagem idoso e caucasiano, sobre o qual se falará mais adiante, e à esquerda, parte de um corpo feminino, com vestido verde, pele escura e um bracelete no pulso. Ao lado da cama, outro homem aproxima uma vela do doente. O ambiente é completado por diversas quinquilharias, e a insígnia N numa parede atrás de Nemo. A cena é bastante escura, com tons pastéis predominando ao centro, como que remetendo à luz lançada pela vela sobre o personagem central. Na página seguinte, Nemo trava conversa com a figura feminina entrevista na cena anterior:



Figura 3 – Discussão de Nemo e Janni (MOORE; O'NEILL, 2020, p. 31, quadros 1 a 6)

No primeiro quadro, vê-se apenas sua mão e pulso, os dedos aparentemente tensionando-se diante da fala do homem idoso. Em seguida, com o rosto agora visível, nariz bastante pronunciado, ela replica, sem sinais visíveis de alteração. Dois quadros depois, a conversa parece tê-la enfurecido, pois têm os olhos muito arregalados e a testa franzida. Após essa sua última manifestação, o velho também se exalta e começa a tossir, sendo amparado por seu jovem acompanhante. No último quadro, a jovem sai do ambiente correndo, com a mão cobrindo os olhos, possivelmente chorando após a altercação.

Toda a cena permite apenas inferir que se trata de uma briga de família pois, salvo pelas palavras do jovem buscando acalmar o capitão Nemo, toda a discussão ocorre em uma língua estranha: os caracteres dentro dos balões de fala não trazem ao leitor qualquer familiaridade, trata-se de um alfabeto que não é o ocidental. Ao fazerem essa opção, os autores confirmam de pronto a origem estrangeira – aos olhos ocidentais – de ambos. Ao mesmo tempo, Moore e O'Neill parecem primar por um certo hermetismo: em nenhum lugar da publicação, seja uma nota de rodapé ou um anexo ao final do livro, o texto é traduzido.

Jess Nevins,<sup>3</sup> estudioso de *A Liga Extraordinária*, identificou a língua como sendo o punjabi, falado por povos da Índia e de partes do Paquistão (NEVINS, s.d.). À parte o hermetismo e demonstração de erudição de Moore, pode-se supor que a língua foi usada – mas não traduzida – para indicar que este indiano tão nacionalista prefere, no seio familiar, falar a sua língua de origem, e que leitores estrangeiros não são admitidos na conversa.

Não contente em ser deixado de lado, Nevins, com a colaboração de dezenas de outros fãs de HQs, traduziu o diálogo para o inglês. A discussão gira em torno de Nemo ter renegado Jenni por desejar um herdeiro do sexo masculino, ao passo que ela recusa tal herança:

Painel 2. Janni: Não, nem eu esqueci os anos que você me ignorou. Você me ignorou porque queria um filho.

Painel 3. Nemo: É claro que eu queria um filho, mas tudo que eu tive foi você! Quem mais a não ser você poderia continuar com meu trabalho, carregar meu nome?

Painel 4. Janni: Que tipo de nome é “Ninguém”? Que tipo de trabalho é pirataria? Eu não sou como você, um fanático. Vá pro inferno! (NEVINS, s.d., tradução minha).<sup>4</sup>

---

<sup>3</sup> Nevins é um bibliotecário e escritor norte-americano, que mantém uma página na internet dedicada à análise comentada de diversas HQs, com especial destaque às sucessivas edições de *A Liga Extraordinária*. Além de suas próprias observações, recebe a colaboração de internautas, que muitas vezes o corrigem ou complementam, as quais incorpora a seu texto. Dessa forma, suas “*Annotations*” se configuram como um trabalho colaborativo de fãs de HQs. (JESS NEVINS, s.d.).

<sup>4</sup> Trata-se da minha tradução para o português da tradução de Nevins para o inglês a partir do texto em punjabi da HQ. O texto em inglês é o que segue:

Quebrado o hermetismo da conversa, e consoante o desenrolar posterior da trama, descobre-se que a jovem é Janni, filha única do capitão Nemo. A tosse ao final da discussão indicara a doença do velho pirata. Várias páginas depois, ele morre, assistido pelo outro marinheiro idoso, mas consegue deixar um recado em seu ouvido (MOORE; O'NEILL, 2020, p. 47). Nemo que, segundo Moore, ludibriara a morte várias vezes, incluindo aquela narrada pelo próprio Verne em *A ilha misteriosa*, encontra seu fim nessa narrativa, mas suas últimas palavras serão reveladas posteriormente a Janni: que ela retorne e assuma seu legado.

---

*“Panel 2. Jenni (translated dialogue): No. Nor do I forget the years for which you ignored me. You ignored me because you wanted a son.*

*Panel 3. Nemo (translated dialogue): Of course I wanted a son, but all I got was you! Who else but you can carry on my work, and my name?*

*Panel 4. Janni (translated dialogue): What kind of name is “Nobody”? What kind of work is piracy? I am not like you, a fanatic. You can go to Hell!” (NEVINS, s.d.).*

## 4 “EU CONSTRUÍ UMA NOVA VIDA”

*A Liga Extraordinária* é uma narrativa longa e povoada de personagens, em sua imensa maioria, extraídos de obras literárias. Em raríssimas ocasiões, Moore e O’Neill optaram pela criação de personagens originais, mas ainda assim fortemente calcados na intertextualidade como motivo da obra. Em geral, são personagens apresentados como antepassados ou descendentes de outros, esses sim, de existência prévia. É o caso de Janni Dakkar, filha do capitão Nemo. Os quadrinistas dão-lhe vida, construindo-a sobre um material prévio, escrevendo sobre um palimpsesto cujas marcas anteriores permanecem. A oposição, a aproximação e, sobretudo, a transformação dessas marcas, os textos anteriores, reflete-se na jornada da personagem.

### 4.1 Janni Dakkar: ecos de Verne, Moore e O’Neill

O volume 3 de *A Liga Extraordinária*, subtulado *Século* (2020), contém uma narrativa em três capítulos, cada qual ambientado em uma época diversa – 1910, 1969 e 2009 –, abrangendo o período anunciado de cem anos. Na trama principal, os membros da Liga em 1910 investigam certas premonições de um de seus membros, vagamente relacionadas a um massacre que poderia ocorrer por ocasião da coroação do rei Edward VII, o que é interpretado por eles como uma possibilidade de atentado contra o monarca.

Mantendo-se fiéis a seu princípio de utilização da intertextualidade de forma consciente e onipresente na narrativa, Moore e O’Neill utilizam personagens de obras literárias distintas e de gêneros diversos, desta feita com um foco menor na ficção científica e maior em histórias sobrenaturais.<sup>5</sup> A investigação se estende ao longo do século XX, concluindo-se apenas no terceiro capítulo, ambientado em 2009, envolvendo temas como a ascensão do Anticristo.

De especial interesse ao presente estudo é o primeiro capítulo, “O que mantém viva a humanidade?”, já desde o título alinhado à proposta de Moore. Trata-se de uma tradução possível<sup>6</sup> para “*Denn wovon lebt der Mensch?*”, título de uma canção da peça musical *A*

---

<sup>5</sup> Os protagonistas são a líder Mina Murray (*Drácula*, 1897, de Bram Stoker) e o aventureiro Allan Quatermain (*As minas do rei Salomão*, 1885, de H. Rider Haggard), ambos personagens importantes dos volumes anteriores, acrescidos do imortal Orlando (*Orlando: uma biografia*, 1928, de Virginia Woolf), do ladrão A. J. Raffles (contos e um romance de E. W. Hornung publicados a partir de 1898) e do detetive ocultista Thomas Carnacki (contos de William Hope Hodgson publicados a partir de 1910) (MOORE; O’NEILL, 2020, p. 27 e seguintes).

<sup>6</sup> Na HQ, em inglês: “*What keeps man alive?*”.

*ópera de três vinténs* (*Die Dreigroschenoper*, 1928), de Bertolt Brecht e Kurt Weill (NEVINS, s.d.). O enredo da peça, uma crítica às disparidades sociais do século XIX, gira em torno de ladrões, vigaristas e prostitutas no submundo londrino. A canção, por sua vez, refere-se às prioridades humanas, à necessidade de sobreviver – e destruir – vindo antes da moral:

POIS DE QUE VIVE O HOMEM?

Mac – Pois de que vive o homem? Tão-somente  
De maltratar, morder, matar como um animal insano,  
E tendo esquecido inteiramente  
De que ele próprio é um ser humano.

Coro – Não vos deixeis, senhores, iludir:  
O homem vive só de destruir! (BRECHT, 1988, p. 77).

O tema de Brecht não se esgota no título; ao contrário, faz-se sentir na narrativa. Além da trama mais geral acima referida, o capítulo traz outra, paralela, centrada em Janni Dakkar: sua trajetória passa pela recusa de sua herança, pela busca por uma nova vida, por um terrível trauma que a faz questionar “de quê vive o homem” e finalmente pela decisão de construir seu destino aceitando o legado paterno.

Esta outra narrativa, no entanto, recebe a mesma atenção dos criadores se comparada à trama principal. De fato, Moore e O’Neill dedicam 32 páginas aos eventos em que estão envolvidos os membros da Liga, outras 32 a Janni, com as duas histórias finalmente convergindo nas 8 páginas restantes. O fato de metade da história ter sido dedicada à personagem é indicativo de sua importância no quadro mais geral da obra de Moore e O’Neill, que retornariam a ela posteriormente na minissérie *The League of Extraordinary Gentlemen: Nemo Trilogy* (2015), desta feita com o *status* pleno de protagonista. Ela, portanto, voltará a cruzar os caminhos da Liga, mas sem nunca se juntar a esta, tendo sua trajetória narrada de forma praticamente autônoma.

O capítulo da HQ é, assim, a introdução de Janni Dakkar no universo ficcional de *A Liga Extraordinária*, construindo com propriedade a personagem, quer em seus traços originais, quer em suas relações intertextuais com Verne e com os próprios Moore e O’Neill.

#### 4.2 Uma nova personagem

Janni, desenhada por O’Neill como uma mulher jovem, esguia, de cabelos longos e pretos, surge mergulhando nua sob a lua cheia:



Figura 4 – Primeira aparição de Janni Dakkar  
(MOORE; O'NEILL, 2020, p. 28)

A paleta de cores mais escura para representar a noite não permite entrever ainda outras características físicas, que só se revelam a partir da página seguinte, no encontro com seu pai doente descrito anteriormente (vide Figura 3). Percebe-se a utilização da cor marrom para sua pele, o que faz dela uma pessoa não caucasiana. Sua indumentária, na cor verde, está cruzada de uma forma que lembra os sáris indianos. Possui também vários braceletes e um adorno no nariz, todos em dourado (MOORE; O'NEILL, 2020, p. 30-31). A discussão com o capitão Nemo, referida anteriormente, e que ocorre em punjabi, fornece as informações para sua identificação: Janni é filha de Nemo, foi desprezada por ele – que desejava um filho homem – mas tem sido recorrentemente chamada a assumir a direção dos negócios do pai, especialmente nesse momento em que ele se encontra à beira da morte. Aliado ao que já se sabia de Nemo dos volumes anteriores de *A Liga Extraordinária*, deduz-se então que ela é indiana, criada à margem da sociedade pelo velho pirata.

Os autores retomam então, à sua maneira, uma informação de *A ilha misteriosa*. Nemo tivera uma família que fora massacrada pelos britânicos décadas antes. Em algum momento que fica apenas subentendido, anterior ou paralelamente aos eventos do volume 1 de *A Liga Extraordinária*, Nemo formara uma nova família, tivera outra mulher – cujo nome e destino são ignorados – e uma filha. De certa forma, Moore e O'Neill dão ao personagem um pouco da felicidade que lhe fora tirada por Verne, ainda que de uma forma verossímil: nem ele esquecera os sofrimentos de seu passado, como demonstrado por suas atitudes belicosas ao longo da vida, nem a relação com a filha fora tranquila e livre de percalços.

O membro mais velho da tripulação do *Náutilus*, que já aparecera na cena da discussão descrita anteriormente, e retratado como homem de confiança de Nemo, é Ishmael, o narrador de *Moby Dick* (1851)<sup>7</sup>, romance de Herman Melville. Recorrendo novamente à intertextualidade de forma calculada, Moore ecoa esse personagem, ora ligado ao obsessivo capitão Ahab, agora vinculado de forma mais íntima ao também obsessivo capitão Nemo. Ishmael funciona como uma espécie de conselheiro de Janni, uma figura razoavelmente respeitada por ela. Após a discussão com o pai, a jovem ouve do marujo que “mais cedo ou mais tarde, ele [Nemo] vai conseguir o que quer. É sempre assim” (MOORE; O'NEILL, 2020, p. 32). Num primeiro momento, ela não lhe dá ouvidos; caminha em direção à praia, despe-se novamente, amarra seu sári às costas como se fosse uma mochila, e nada em direção a um navio à distância, deixando a ilha paterna:

---

<sup>7</sup> Em *Moby Dick*, o capitão Ahab comanda o baleeiro Pequod e uma tripulação de composição diversa, numa caça obsessiva à baleia branca que dá nome ao romance. O barco e seus tripulantes perecem após uma luta insana, sendo Ishmael o único sobrevivente, que narra a história (MELVILLE, 2022, *passim*).



Figura 5 – Janni deixa a ilha  
(MOORE; O'NEILL, 2020, p. 33, quadros 1 a 6)

Mais tarde, Janni chega a Londres e consegue emprego como garçonne e faxineira no Hotel do Polvo, uma mistura de estalagem de última categoria, bar e bordel no cais do rio Tâmesa (MOORE; O'NEILL, 2020, p. 39). Em outra relação direta com a peça de Brecht e novamente negando sua herança, Janni dá um nome falso, ainda que muito semelhante, Jenny, justamente o nome de uma prostituta de *A ópera dos três vinténs*.

A narrativa é constantemente alternada com as investigações sobrenaturais dos membros da Liga, de modo que cada nova aparição de Janni só ocorre muitas páginas depois.

Fica evidente a elipse inserida por Moore: enquanto outros acontecimentos se desenrolam, Nemo morre, o tempo vai passando e Janni trabalha pesadamente limpando o hotel:



Figura 6 – Janni é observada pelos clientes (MOORE; O’NEILL, 2020, p. 48, quadros 2 a 4)

Percebe-se que, enquanto ela esfrega o chão com a parte inferior do vestido suspensa para não se molhar, os clientes do hotel a observam com lascívia, seja mexendo no órgão sexual por cima da roupa, seja espreitando.

Janni é então abordada por Ishmael, que a comunica da morte de seu pai e de seu último desejo: que ela receba o *Náutilus* e assuma seu legado. A jovem recusa, alegando que não quer ser uma fanática e que construiu uma vida nova, ao que o marinheiro responde, já tendo observado a espelunca onde ela vive: “Mas não das melhores” (MOORE; O’NEILL, 2020, p. 58, quadro 7). Antes de ser expulso por ela, Ishmael lhe dá um sinalizador; caso ela mude de ideia, basta dispará-lo e o *Náutilus*, ancorado no estuário do Tâmis, estará pronto para buscá-la.

O texto de Verne, após já ter sido modificado por Moore no que se refere a Nemo, se faz presente nessa personagem inédita. Janni recusa seu suposto destino, a vida que deveria seguir por ser filha de quem é, cujos valores ela refuta. Por mais de uma vez ela afirma não querer ser uma fanática. Nesse primeiro momento, os autores retratam a personagem em oposição ao texto verniano, com características totalmente opostas às do pirata e misanтроpo que lhe serviu de exemplo. Janni busca o convívio da sociedade, deixando a ilha isolada onde cresceu para viver numa das maiores cidades de seu tempo; encontra um emprego simples,

porém digno e que nada tem a ver com a vida de roubos, assassinatos e pilhagens de um pirata; mistura-se a pessoas de caráter duvidoso, o que constituiria mesmo um rebaixamento de sua condição social, já que, a rigor, ela é uma nobre, filha de um homem que fora outrora um príncipe.

Janni, que já questionara aquele nome usado por seu pai – “Ninguém” – não quer ser Nemo, quer construir o próprio destino, uma nova vida, ainda que não pareça grandes coisas a outros olhos. Mas, lembrando as palavras de Ishmael acima referidas, Nemo “vai conseguir o que quer”.

#### 4.3 Um novo Nemo

Após nova elipse, Janni vive mais um dia de trabalho, sofrendo o assédio dos clientes. É sempre observada por uma prostituta que trabalha no local, que canta uma versão modificada de “O que mantém viva a humanidade?”, a canção de *A ópera dos três vinténs*. Essa personagem como que narra os infortúnios da indiana, que se sucedem quadro a quadro:



Figura 7 – Janni é assediada pelos clientes (MOORE; O'NEILL, 2020, p. 62)

No primeiro quadro, enquanto Janni tenta recolher as louças sujas, um dos clientes, posicionado imediatamente atrás dela, apalpa suas nádegas e gargalha. Outro estica a mão, talvez tentando apalpar seu seio pelo outro lado; este personagem tem a língua para fora, em grotesca atitude de assédio. Outros, sentados à sua frente, olham diretamente para ela com desejo, e o mais próximo aponta para a própria boca, como a pedir-lhe um beijo. Janni se contém e nada fala, apenas olha de soslaio, com a ruga de irritação e preocupação na testa. No quadro seguinte, um outro cliente a coloca sentada em seu colo, enquanto ele e outro riem.

Continuando seu trabalho, Janni vai para os fundos do estabelecimento. O momento em que cruza a porta, no quarto quadro, é um prenúncio do que viria a lhe acontecer: ela em primeiro plano e no escuro, vários homens ao fundo, na claridade, rindo e acompanhando seus passos. No quadro seguinte, um dos clientes faz um sinal de positivo para o gerente, um homem careca e de óculos que, com a mão direita, faz um gesto de conivência como a dizer: “podem vir”. Na sequência, vários clientes enfileiram-se em direção aos fundos do hotel. O cliente que aparece por último, no penúltimo quadro, cospe na própria mão. Considerando o que acontecerá a seguir, infere-se que ele estava preparando a lubrificação do próprio pênis. No último quadro, é o próprio gerente quem encerra a fila, enquanto a prostituta apaga seu cigarro entoando e profetizando: “Amanhã todos nós podemos estar morrendo” (MOORE; O’NEILL, 2020, p. 62, quadro 7).

Embora não seja prostituta e não se comporte como tal, Janni é jovem e bonita demais num ambiente machista e perverso. Nas cenas seguintes, enquanto despeja o lixo nos fundos do hotel, num ambiente mal iluminado, os balões da canção entoada pela prostituta anunciam: “Mas os homens nas docas tendem a pensar com suas pirocas... e quando estão com seus amigos, então... eles agem sem pensar nas consequências”. As imagens que acompanham o texto são de dois homens – outros se seguiriam – abrindo e abaixando as calças, e Janni pressentindo o perigo e se virando na direção deles:



Figura 8 – Clientes atacam Janni  
(MOORE; O'NEILL, 2020, p. 63, quadros 1 a 3)

Após nova elipse, a narrativa entrega uma Janni largada no chão, nos fundos do hotel, nua e cheia de hematomas, em meio a sujeira e garrafas quebradas, enquanto os homens se afastam fechando as calças. Ela continua no escuro, enquanto seus agressores voltam para a luz do interior. O leitor sabe, evidentemente, que o estupro foi consumado:



Figura 9 – Janni após o estupro  
(MOORE; O'NEILL, 2020, p. 68, quadro 1)

Janni não é Jenny, a prostituta da peça de Brecht, mas uma mulher violentada. Entretanto, Moore mantém a personagem no limiar entre os dois textos, o do dramaturgo alemão e o seu próprio. No jogo de palavras entre os dois nomes semelhantes, o autor

relembra ao leitor não o que a personagem é, mas a percepção que seus violentadores têm dela: um objeto, um nada, ninguém.

A partir desse momento, as relações intertextuais buscadas pelos autores se dão numa chave de convergência com o texto de Verne – e deles próprios – e não mais de distanciamento. O Príncipe Dakkar sofrera duramente nas mãos do império britânico, perdera toda a família, lutara guerras, fora derrotado. Seu trauma trazia a marca da memória coletiva de seu povo. Janni não passara por nada disso, nascera muito depois de tais eventos e não se identificava com a belicosidade de seu pai. Mas guardam em comum o trauma individual. Ele, o de perder a família. Ela, o dos assédios e humilhações diárias, culminando no ainda mais terrível estupro e espancamento.

Seligmann-Silva lembra que “a experiência traumática não pode ser assimilada de modo completo; por isso ocorre à repetição constante, alucinatória, por parte da vítima, da cena de impacto” (SELIGMANN-SILVA *apud* GINZBURG, 2008). O efeito traumático é carregado por toda a vida. A solução narrativa dada por Moore, como se verá adiante, é da adoção da violência pela própria personagem, sem, contudo, negar-lhe a realidade do trauma.

Após ser socorrida pela prostituta, testemunha de toda a cena, e após breve descanso, Janni desperta com um olhar furioso, deixa o hotel passando pelos seus estupradores – adormecidos ou vomitando após a longa bebedeira –, sobe em um telhado e dispara o sinalizador (MOORE; O’NEILL, 2020, p. 75). Quando o dia amanhece, retorna serenamente para o hotel, serve-se de uma bebida, penteia tranquilamente os cabelos e, sem que nenhum dos presentes compreenda, sorri:



Figura 10 – Janni sorri  
(MOORE; O’NEILL, 2020, p. 81, quadros 2 e 3)

Pouco depois, o *Náutilus* emerge do Tâmis, disparando suas mortíferas armas contra todo o cais e iniciando um grande incêndio. Logo a seguir, a tripulação pirata desembarca e inicia uma carnificina, matando todos em seu caminho. Janni caminha tranquilamente em direção a eles, tendo enfeitado o cabelo com uma rosa, e recebe das mãos de um pirata uma vestimenta verde, ricamente bordada.

Questionada por um deles se suas vítimas merecem uma morte rápida ou lenta, ela reflete por um instante e decide: “Mate-os devagar” (MOORE; O’NEILL, 2020, p. 91, quadros 3 a 5). Segue-se um massacre:



Figura 11 – A vingança de Janni (MOORE; O’NEILL, 2020, p. 91, quadro 7)

O’Neill procurou reunir várias cenas violentas em um único quadro. Na lateral esquerda, a prostituta continua com sua canção, evocando “saques e prazer”, mas que se traduz em violência. À esquerda, um pirata completamente nu estupra um homem com os pulsos amarrados, ameaçando-o com uma faca. Pouco acima, voa uma cabeça recém-decepada. À direita, dois outros piratas contêm um homem, que é esfaqueado, seu sangue jorrando. Ao fundo da cena, vários outros membros da tripulação carregam objetos diversos, os frutos de seu saque, subindo a rampa do *Náutilus*; um deles, ao centro, segurando um baú sobre os ombros, com a mão livre presta continência à sua capitã, que lhe dá ordens. Janni comanda e organiza os saques, ao mesmo tempo que permite que seus homens perpetrem assassinatos e estupros. Ela, que horas antes fora violentada, é perfeitamente conivente com tais atrocidades e mesmo as estimula.

Janni realiza o princípio mimético descrito por René Girard, que perpassa o desejo humano: os homens e mulheres “são governados por um mimetismo instintivo”, gerador de “conflitos e rivalidades de tal ordem” que desembocam na violência (GIRARD, 1990, p. 7). Pode-se dizer que, em função desse mimetismo, a violência é contagiosa:

Sua tendência para lançar-se sobre um objeto substitutivo na ausência daquele originalmente visado pode ser descrita como uma espécie de contaminação. A violência demasiadamente contida sempre acaba por se alastrar ao redor; infeliz daquele que estiver a seu alcance neste momento (GIRARD, 1990, p. 45).

O rival de Janni é a sociedade machista e sexualmente predadora que lhe fez tanto mal. Assim, ela, outrora vítima, transforma-se em algoz e reproduz a violência que sofreu, voltando-se não necessariamente para os mesmos indivíduos, os homens que a estupraram, mas para todo um contingente humano que tem a infelicidade de estar próximo dela e de seus subordinados.

Na HQ, portanto, Moore constrói uma Janni que não repete o trauma apenas dentro de si mesma: ela devolve a violência àqueles que considera seus inimigos, repete nos outros a violência sofrida: permite o estupro e a matança. A recém-empossada capitã do *Náutilus* elabora o trauma de uma forma muito particular, à semelhança do que o pai fizera, e busca não justiça ou reparação, mas vingança.

A outra narrativa de “O que mantém viva a humanidade?” desenvolve-se de forma totalmente independente da de Janni, até o momento em que os membros da Liga, não muito longe dali, veem a sinalização no céu e, pouco depois, uma multidão em fuga. Eles se aproximam e testemunham o massacre, chegando mesmo a tentar evitá-lo, sem sucesso. Toda a investigação que faziam de um iminente atentado de grandes proporções torna-se ambígua para eles: ignoram se é algo muito maior que ainda acontecerá no futuro ou se as premonições eram sobre a ascensão de Janni Dakkar, a sucessora do capitão Nemo.

Em sua última aparição antes de ordenar a retirada do *Náutilus* e dos piratas, Janni é vista de frente e quase de corpo inteiro, vestindo a roupa recebida:



Figura 12 – Janni em sua nova vestimenta (MOORE; O'NEILL, 2020, p. 94, quadro 3)

Além de um detalhe até então não mostrado, a insígnia N – do nome Nemo – no cinto, nota-se o fato de aquele sobretudo não lhe servir bem: a roupa é maior do que ela, a manga quase cobre sua mão, as ombreiras se sobressaem. De fato, é a roupa de seu pai, semelhante àquela vista na Figura 1 – embora aqui seja na cor verde –, um homem muito mais alto e de diferente compleição física. Janni aceita nesse momento, quase literalmente, o manto de Nemo, que ainda não lhe cabe muito bem. O tempo faria os devidos ajustes.

Janni teve uma trajetória diversa da de seu pai: não teve a família massacrada, não enfrentou guerras, não precisou construir um submarino a partir do nada e poderia ter tido, se quisesse, uma vida de rainha, cercada pelos tesouros amealhados por décadas por Nemo. Contudo, o trauma das humilhações e do estupro a fez enxergar o pior da humanidade e, como o pai, compreender que seu lugar é longe de toda aquela sociedade corrompida, cercada por um pequeno número de piratas. Compreendeu também que uma vida de trabalho pesado e honesto nunca a levariam a nada, apenas para longe de seu destino. E assim resolveu abraçar sua herança. Infelizmente, absorveu e passou a reproduzir também o machismo do ambiente em que foi criada. De certa forma, assumindo uma postura masculinizada, adequou-se ao que a tripulação esperava dela e aproximou-se do filho homem que Nemo não teve.

A jovem é uma sobrevivente e, agora que o leitor sabe disso, é evidente o papel que Ishmael vinha desempenhando discretamente até então. Mais que um interlocutor entre ela e

seu pai, o marujo revela um uso da intertextualidade mais sutil por parte de Moore. Ishmael é o sobrevivente por excelência, aquele que conta a história do naufrágio do Pequod na obra de Melville. Suas aparições na HQ, sempre ligadas às tomadas de decisões de Janni, prenunciavam os infortúnios que ela viveria, e aos quais ela também sobreviveria. O texto de Melville, para além da obviedade do uso de Ishmael, insinua-se no de Moore pela temática da sobrevivência, percebida na trajetória de Janni. Os traços nunca se apagam do palimpsesto.

As características físicas e psicológicas de Nemo, presentes na obra de Verne, são restabelecidas intertextualmente pelos autores da HQ, agora por completo, mas não sem operar-se uma transformação. Janni, ao final de seu percurso, reúne em si a misantropia, a pirataria, o ódio, o desejo de vingança, a altivez, a liderança, que eram características de seu pai, mas ela não é o mesmo personagem: é jovem e inexperiente, é uma filha durante muito tempo rejeitada pelo fato de ter nascido mulher, passou por uma trajetória particular e única, tentou fugir de seu dito destino até que não pôde mais. Na hospedaria, fora coisificada e violentada, reduzida a algo cuja vontade e o próprio nome não importavam. Em sua última aparição, ela incorpora essa marca de sua trajetória:



Figura 13 – Janni dá ordem de partir  
(MOORE; O'NEILL, 2020, p. 95, quadro 3)

Questionada por Mina Murray sobre como se chama, Janni responde: “Eu? Eu sou ninguém” (MOORE; O'NEILL, 2020, p. 95, quadro 3). E, ato contínuo, determina ao imediato, Ishmael, sempre a seu lado, que prepare o Náutilus para submergir. Ela dá tal

resposta já em movimento e na rampa de acesso ao submarino, já imbuída de toda a sua recém aceita responsabilidade. Mais uma vez, percebe-se o quanto a roupa não lhe serve: na posição em que está, a manga cobre completamente sua mão. Janni Dakkar é ninguém mas, apesar das semelhanças, é uma outra pessoa, um ninguém diferente do pai. Agora ela está em posição de dizer com convicção a Ishmael que construiu uma nova vida.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em estudo anterior sobre o volume 1 de *A Liga Extraordinária*, de 2013, no mestrado em Literatura, eu concluía tecendo considerações sobre a amplitude da narrativa, seja por sua complexidade, seja por estar então em andamento e sem perspectivas de encerramento (OLIVEIRA, 2013, p. 180). Naquele ano, Alan Moore e Kevin O’Neill haviam lançado já há algum tempo o volume 2 (2002-2003) e o *Black Dossier* (2007), e não fazia um ano que haviam concluído a publicação seriada do volume 3, ora analisado a partir da edição brasileira de 2020. Sinalizava-se então as possibilidades quase incontáveis de relações intertextuais da HQ, passíveis de se tornarem objeto de análise.

Tantos anos depois, enveredei por uma outra seara acadêmica, agora no curso de graduação em Letras – Francês, e o reencontro com Verne propiciou o reencontro também com esta obra. Foi um estímulo à releitura do material antigo e à retomada do ponto onde havia parado – retomada também da pesquisa. Grande palimpsesto que é, *A Liga Extraordinária* impôs-se como ponto de partida para o trabalho de conclusão de curso, agora com uma delimitação específica, um capítulo do volume 3, e nos pontos em que o texto da HQ dialoga com duas obras da literatura francesa, *Vinte mil léguas submarinas* (1869-1870) e *A ilha misteriosa* (1874-1875).

As premissas teóricas do dialogismo e intertextualidade continuam válidas. O permanente diálogo subjacente aos enunciados, como desenvolvido por Mikhail Bakhtin (1997), materializa-se, cronologicamente, em distintos textos: primeiro, nos dois romances de Verne; mais de um século depois, na HQ de Moore e O’Neill. Entre o volume 1 e sua derradeira aparição no volume 3, o capitão Nemo traz elementos de cada um dos romances. A nova personagem, Janni Dakkar, mantém relações com todas essas representações anteriores de Nemo, absorvendo ou transformando um pouco dos textos precedentes, tal como formulado por Julia Kristeva (1974). As marcas de cada um dos textos podem ser percebidas nos que lhe sucedem, e a representação de Janni é um palimpsesto (GENETTE, 2010) que não apenas não apaga o que foi escrito antes, mas nem quer fazê-lo, pois esse é o principal motor dos autores: usar a intertextualidade como um recurso intencional.

Nemo é um dos personagens mais conhecidos da literatura ocidental. Nos dois romances em que o capitão aparece, Verne mantém a coerência do personagem, ainda que com diferentes abordagens: em *Vinte mil léguas submarinas*, o autor lhe dá o *status* de antagonista e enfatiza seu lado belicoso e violento, mantendo, não obstante, alguns mistérios

quanto a sua origem; em *A ilha misteriosa*, torna-se um coadjuvante mais acessível e benéfico, um homem envelhecido que aguarda a morte, mas ainda assim apto a contar sua história pessoal e fechar a narrativa. Uma vez revelado que é um homem indiano, qualquer referência da obra anterior que pudesse levar o leitor a imaginá-lo de forma diversa é descartada. Mas o segundo texto não apaga o primeiro, e o leitor sabe tratar-se, ao mesmo tempo, de um homem vitimado por guerras de independência e pela perda da família – traumas individuais e coletivos que o moldaram – e de um homem de ciência, culto e possuidor de recursos tecnológicos alinhados à modernidade, a mesma sobre a qual se sustentam as nações que combate.

Em *A Liga Extraordinária*, escrita mais de um século depois e numa mídia diversa, todos os aspectos guerreiros do personagem são ressaltados, bem como sua nacionalidade indiana e a relação conflituosa com o império britânico. Continua sendo simultaneamente um nobre e um pirata, uma pessoa contida e um homem capaz de ser tomado de fúria violenta. Seu nome, que na verdade é uma alcunha significando “ninguém”, é perfeitamente justificado, pois ele permanece, como nos textos com os quais dialoga, vivendo à margem da sociedade, recluso no *Náutilus* com sua tripulação. Discrepâncias físicas – se tomados os romances – presentes em sua primeira aparição são anuladas no volume 3, quando o leitor encontra um velho moribundo semelhante ao de *A ilha misteriosa*. Ao contrário da narrativa do romance, entretanto, esse Nemo não deixa a vida para o esquecimento, mas possui uma herdeira que ele deseje que carregue seu “não” nome.

Moore e O’Neill quase que invariavelmente utilizam em *A Liga Extraordinária* personagens criados por outros, oriundos de narrativas ficcionais as mais diversas – no tempo, na língua e no gênero textual. Quando se dão ao trabalho de introduzir um personagem novo, ainda que guardando relação de parentesco com outro personagem conhecido, é algo a se olhar com mais atenção. Em sua primeira aparição, quando discute com Nemo de forma privada numa língua familiar aos dois, Janni pode parecer apenas a filha que tem problemas com o pai e que questiona seu comportamento. Suas diferenças são bastante nítidas mesmo se o leitor considerar apenas os traços raivosos dos personagens e não tiver acesso à tradução do diálogo em punjabi. Sua trajetória na narrativa, entretanto, revela um novo texto, com nuances e experiências particulares, ainda que as marcas do palimpsesto sejam suficientemente visíveis.

A recusa de Janni ao legado de assassinatos e roubos de seu pai é explicitada desde aquela discussão, quando ela questiona que tipo de nome é aquele que herdaria, “ninguém”.

Ao partir para construir uma nova vida, Janni busca fugir de sua origem e de seu nome que não é um nome e torna-se Jenny. Mas os frequentadores do hotel onde trabalha consideram-na apenas um objeto e sua condição humana é anulada diariamente, por meio de humilhações, desrespeito, assédio, até o extremo da violência sexual. E Jenny, vítima de um trauma profundo, é levada à mesma autoanulação de seu pai, voltando a tornar-se “ninguém”, Nemo. Seu percurso a leva ao ponto de partida, porém transformada por sua experiência traumática e apta a aceitar sua herança – o submarino *Náutilus* e o comando de uma tripulação que rouba e mata.

O constante movimento de convergência e divergência em relação a seu antecessor, o primeiro Nemo, mostra os vários níveis de relações intertextuais estabelecidas por Moore e O’Neill na composição da personagem. Janni conversa com dois Nemos, aquele criado no século XIX pelo romancista francês, e a releitura feita pelos quadrinistas britânicos. Ao menos três textos se encontram e são transformados, o de *Vinte mil léguas submarinas*, o de *A ilha misteriosa* e o do primeiro volume da HQ. Nesse palimpsesto percebe-se, ainda, algumas marcas adicionais, de outros textos que são ao menos tangenciados, como *Moby Dick* (1851) e *A ópera dos três vinténs* (1928). Janni tem um pouco de cada um desses textos, cujos traços não se apagam. Por toda essa complexidade, de composição e de percurso narrativo, a personagem representa a linhagem de Nemo, mas não é uma repetição de seu pai, nem da versão verniana, nem da HQ.

As aparições de Janni no capítulo “O que mantém viva a humanidade?” intercalam-se com uma trama paralela, de investigação sobrenatural de um possível atentado à Coroa britânica. Os eventos distintos que envolvem a jovem indiana e os membros da Liga Extraordinária convergem ao final do capítulo: estes são levados à cena do massacre comandado por Janni, onde não ocorre nenhum atentado ao rei, apenas à pobre população das docas – de certa forma, um evento igualmente grandioso protagonizado por alguém importante, a herdeira de Nemo, confunde as pistas que a equipe vinha seguindo. Isso é indicativo da importância conferida pelos autores já naquele momento à personagem e de seus planos posteriores para uma série tendo a jovem por protagonista, *The League of Extraordinary Gentlemen: Nemo Trilogy* (2015).

Há, portanto, ainda muito o que explorar sobre Janni Dakkar, notadamente no que se refere à violência por ela sofrida, motor de uma sequência interminável de outras violências que ela perpetraria ao longo da vida, no comando da tripulação pirata. Também a masculinização de sua aparência como necessidade de aceitação num meio altamente

machista traz nuances que se prestam a ulterior abordagem. Por fim, as narrativas posteriores trazem uma Janni mais velha, com outras experiências que moldam sua trajetória e, em se tratando de Moore e O'Neill, certamente posta em diálogo com outros textos, talvez até inesperados. São todos aspectos que podem ser abordados em estudos futuros.

Para além de Janni, *A Liga Extraordinária*, toda constituída de forma intencional sobre relações intertextuais, segue pouco estudada, em que pese o seu potencial. O presente trabalho, com seu objeto necessariamente delimitado, tem o intuito de demonstrar a possibilidade de exploração de uma faceta da obra. Almeja-se que, somado a outros estudos esparsos, conduza futuramente a uma pesquisa de mais largo escopo sobre uma HQ tão rica.

## REFERÊNCIAS

- AVILA, Gabriel. Alan Moore se aposenta dos quadrinhos. **Omelete**, 18 jul. 2019. Disponível em: <https://www.omelete.com.br/alan-moore/alan-moore-se-aposenta-dos-quadrinhos>. Acesso em: 24 ago. 2022.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BAPTISTA, Marcus P. de C. O mundo do século XIX na narrative de Júlio Verne: reflexões sobre modernidade e alteridade. In: MENDES JUNIOR, Nilson M. (org.). **Literatura, linguística e educação**. Veranópolis: Diálogo Freiriano, 2020. p. 217-232.
- BARROS, Diana L. P. de. Dialogismo, polifonia e enunciação. In: BARROS, Diana L. P. de; FIORIN, José Luiz (org.). **Dialogismo, polifonia, intertextualidade: em torno de Bakhtin**. 2. ed. São Paulo: EdUSP, 2011. p. 1-9.
- BERLATSKY, Eric L. (org.) **Alan Moore: conversations**. Jackson, MS, EUA: University Press of Mississippi, 2012.
- BORGO, Érico. Alan Moore contra-ataca a DC Comics. **Omelete**, 24 maio 2005. Disponível em: <https://www.omelete.com.br/v-de-vinganca/alan-moore-contra-ataca-a-dc-comics>. Acesso em: 24 ago. 2022.
- BRECHT, Bertolt. A ópera dos três vinténs. Tradução de Wolfgang Bader, Marcos Roma Santa, Wira Selanski. In: BRECHT, Bertolt. **Teatro completo**. v. 3. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. p. 9-107.
- CALVINO, Italo. **Por que ler os clássicos**. Tradução de Nilson Moulin. 2. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- CENTRE INTERNATIONAL JULES VERNE. Les Voyages Extraordinaires. **Centre International Jules Verne: au cœur de l'œuvre**, [s. d.]. Disponível em: <https://www.jules-verne.net/index.php/les-voyages-extraordinaires>. Acesso em: 25 nov. 2022.
- DE ALAN Moore e Kevin O'Neill: A Liga Extraordinária. **Spider145 HQs e Afins**, 09 abr. 2022. Disponível em: <https://spider145hqs.com/2022/04/09/de-alan-moore-e-kevin-oneill-a-liga-extraordinaria>. Acesso em: 23 ago. 2022.
- DUARTE, Rafael S. **Watchmen: vazios, tragédia e poesia visual moderna**. 2009. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Programa de Pós-Graduação em Literatura, Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/93085/276673.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 28 nov. 2022.
- FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2008.

FREEMAN, John. In memoriam: comic artist Kevin O'Neill 1953-2022. **Downthetubes.net**, 09 nov. 2022. Disponível em: <https://downthetubes.net/in-memorial-comic-artist-kevin-oneill-1953-2022/>. Acesso em: 09 nov. 2022.

GENETTE. **Palimpsestos**: a literatura de segunda mão. Tradução de Cibele Braga et al. Belo Horizonte: Edições Viva Voz, 2010. (Extratos)

GINZBURG, Jaime. Linguagem e trauma na escrita do testemunho. **Conexão Letras**, São Paulo, v. 3, n. 3, 2008. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/conexaoletras/article/view/55604>. Acesso em: 20 out. 2022.

GIRARD, René. **A violência e o sagrado**. 2. ed. Tradução de Martha Conceição Gambini. São Paulo: Ed. Unesp, 1990.

JESS NEVINS. In: **SFE**: The Encyclopaedia of Science Fiction. Disponível em : [https://sf-encyclopedia.com/entry/nevins\\_jess](https://sf-encyclopedia.com/entry/nevins_jess). Acesso em: 19 out. 2022.

KEVIN O'Neill 1953-2022. **2000ad.com**, 07 nov. 2022. Disponível em: <https://2000ad.com/news/kevin-oneill-1953-2022/>. Acesso em: 09 nov. 2022.

KRAKHECKE, Carlos A. **Representações da guerra fria nas histórias em quadrinhos Batman – O Cavaleiro das Trevas e Watchmen (1979-1987)**. 2009. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009. Disponível em: <https://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/2313/1/416433.pdf>. Acesso em: 28 nov. 2022.

KRISTEVA, Julia. **Introdução à semanálise**. Tradução de Lúcia H. F. Ferraz. São Paulo: Perspectiva, 1974.

LACERDA, Rodrigo. Apresentação. In: VERNE, Júlio. **20 mil léguas submarinas**. Edição comentada e ilustrada. Tradução e notas de André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. p. 7-19

LIMA, Luciano S.; FLORES, José Antonio V.; AZEVEDO, Cláudio T. de. O ensino de arte e as histórias em quadrinhos (HQ): a arte sequencial e o desenvolvimento gráfico. **Palíndromo**, Florianópolis, n. 14, ago/dez. 2015. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/palindromo/article/view/6779>. Acesso em: 11 set. 2022, p. 27-44.

MELVILLE, Herman. **Moby Dick**: edição comentada. Tradução de Bruno Gambarotto. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

MOORE, Alan; O'NEILL, Kevin. **A Liga Extraordinária Volume 1**: edição definitiva. Tradução de Fábio Fernandes, Fabiano Denardin. Barueri, SP: Panini Books, 2010.

MOORE, Alan; O'NEILL, Kevin. **A Liga Extraordinária: Século - Integral**. Tradução de Maquito Maia. 2. ed. São Paulo: Devir, 2020.

MOORE, Alan; O'NEILL, Kevin. **The League of Extraordinary Gentlemen: Nemo** Trilogy. Marietta, EUA; Londres: Top Shelf Productions; Knockabout Comics, 2015.

MOORE, Alan; O'NEILL, Kevin. **The League of Extraordinary Gentlemen Volume 2: the absolute edition**. La Jolla, EUA: America's Best Comics, 2005.

NEVINS, Jess. Annotations to League of Extraordinary Gentlemen Volume III Chapter One a.k.a. Century: 1910. **Pulps, victoriana, and encyclopaedias**: the online home of Jess Nevins, [s.l., s.d.]. Disponível em: <http://jessnevins.com/annotations/1910annotations.html>. Acesso em: 19 out. 2022.

OLIVEIRA, Marco Antonio F. de. **Depois da última página**: intertextualidade entre HQs e literatura na *graphic novel* A Liga Extraordinária. 2013. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Programa de Pós-Graduação em Literatura, Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013. Disponível em: <http://www.bu.ufsc.br/teses/PLIT0552-D.pdf>. Acesso em: 14 set. 2022.

PEDROSO, Rodrigo A. de A. **Estados Distópicos da América**: o futuro dos EUA nas histórias em quadrinhos (1983-1999). 2020. Tese (Doutorado em História Social) – Programa de Pós-Graduação em História Social, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-16032021-142354/en.php>. Acesso em: 28 nov. 2022.

RODRIGUES, Ana Maria; SARMENTO-PANTOJA, Augusto. As estratégias da memória perante o trauma. **Literatura e Autoritarismo**: dossiê Literatura de Minorias e Margens da História. Santa Maria, nov. 2010. Disponível em: [http://w3.ufsm.br/literaturaeautoritarismo/revista/dossie04/art\\_03.php](http://w3.ufsm.br/literaturaeautoritarismo/revista/dossie04/art_03.php). Acesso em: 20 out. 2022.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Narrar o trauma – a questão dos testemunhos das catástrofes históricas. **Psic. Clin.**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 65-82, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pc/a/5SBM8yKJG5TxK56Zv7FgDXS/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 20 out. 2022.

SILVA, Suellen C. da. **Quadrinhos iluminados**: William Blake nas obras de Alan Moore. 2020. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/22836>. Acesso em: 28 nov. 2022.

TERRON, Joca Reiners. Apresentação. *In*: VERNE, Júlio. **A volta ao mundo em 80 dias**. Tradução e notas de André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2017. p. 9-19

TIME Magazine's best 100 novels includes "Watchmen". **CBR**, 18 out. 2005. Disponível em: <https://www.cbr.com/time-magazines-best-100-novels-includes-watchmen>. Acesso em: 24 ago. 2022.

VERNE, Júlio. **20 mil léguas submarinas**. Edição comentada e ilustrada. Tradução e notas de André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

VERNE, Júlio. **A ilha misteriosa**. Edição comentada e ilustrada. Tradução e notas de André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

VIDAL, Leonardo P. **Quis evaluates ipsos *Watchmen*?: *Watchmen* and narrative theory**. 2014. Dissertação (Mestrado em Literaturas de Língua Inglesa) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/103917>. Acesso em: 28 nov. 2022.